

**ISSN - 2175-6600**

**Vol.17 | Número 39 | 2025**

Submetido em: 02/12/2024

Aceito em: 12/08/2025

Publicado em: 22/10/2025

**Representatividade negra na literatura infantil:** para além de A Bonequinha Preta e Menina bonita do laço de fita

**Black Representation in Children's Literature:** beyond A Bonequinha Preta and Menina bonita do laço de fita

**Representatividad negra en la literatura infantil:** más allá de A Bonequinha Preta y Menina bonita do laço de fita

*Janayna Alves Brejo<sup>1</sup>*



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2025v17n39pe18691>

**Resumo:** Este artigo discute a representatividade negra nos livros de literatura infantil, demonstrando que é urgente pensar na qualidade dos textos que chegam na sala de aula, optando por histórias que possam contribuir para desenvolvimento de uma autoestima elevada nas crianças negras. Considerando que é na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental que as crianças passam pela fase de construção de sua identidade e que os livros escolhidos pelos professores podem impactar de forma positiva ou negativa nesse processo, o objetivo é demonstrar que é preciso ir além de A Bonequinha Preta de Alaíde Lisboa de Oliveira e de Menina bonita do laço de fita de Ana Maria Machado, pois se queremos narrativas que favoreçam uma educação antirracista, são necessárias escolhas que estejam pautadas no respeito à diversidade étnico-racial. Conclui-se então, que é fundamental que professores reconstruam suas práticas pedagógicas e estejam dispostos a tratar semelhanças e diferenças com dignidade, propondo narrativas literárias que valorizem e respeitem a cultura, a cor da pele, as características físicas e a ancestralidade das crianças negras, rompendo assim, com estereótipos e preconceitos.

**Palavras-chave:** Representatividade negra. Literatura infantil. Identidade. Diversidade étnico-racial. Educação antirracista.

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Minas Gerais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5030313752199394>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6536-2203>. Contato: janayna.alves@uemg.br



**Abstract:** This article discusses black representation in children's literature, demonstrating the urgent need to consider the quality of texts that reach the classroom, opting for stories that can contribute to the development of a healthy self-esteem in black children. Considering that it is in early childhood education and the initial years of elementary school that children go through the phase of building their identity and that the books chosen by teachers can positively or negatively impact this process, the aim is to show that we need to go beyond A Bonequinha Preta by Alaíde Lisboa de Oliveira and Menina bonita do laço de fita by Ana Maria Machado. If we want narratives that promote an anti-racist education, it is necessary to make choices based on respect for ethnic-racial diversity. It is concluded that it is essential for teachers to reconstruct their pedagogical practices and be willing to address similarities and differences with dignity, proposing literary narratives that value and respect the culture, skin color, physical characteristics, and ancestry of black children, thus breaking stereotypes and prejudices.

**Keywords:** Black representation. Children's literature. Identity. Ethnic-racial diversity. Anti-racist education.

**Resumen:** Este artículo discute la representatividad negra en los libros de literatura infantil, demostrando que es urgente pensar en la calidad de los textos que llegan al aula, optando por historias que puedan contribuir al desarrollo de una alta autoestima en los niños y niñas negras. Considerando que es en la educación infantil y en los años iniciales de la educación primaria cuando los niños pasan por la fase de construcción de su identidad y que los libros elegidos por los docentes pueden impactar de manera positiva o negativa en este proceso, el objetivo es demostrar que es necesario ir más allá de A Bonequinha Preta de Alaíde Lisboa de Oliveira y Menina bonita do laço de fita de Ana Maria Machado, pues si queremos narrativas que favorezcan una educación antirracista, son necesarias elecciones que se basen en el respeto a la diversidad étnico-racial. Se concluye, entonces, que es fundamental que los docentes reconstruyan sus prácticas pedagógicas y estén dispuestos a tratar similitudes y diferencias con dignidad, proponiendo narrativas literarias que valoren y respeten la cultura, el color de piel, las características físicas y la ancestralidad de los niños y niñas negras, rompiendo así con estereotipos y prejuicios.

**Palabras clave:** Representatividad negra. Literatura infantil. Identidad. Diversidad étnico-racial. Educación antirracista.

## 1 INTRODUÇÃO

A partir da Literatura Infantil as crianças têm a oportunidade de pensar nos comportamentos humanos, naquilo que gostariam ou não de ser, nas atitudes a serem tomadas, nos riscos, nas conquistas, nos progressos ou desconfortos que podem ser causados por suas escolhas, nos sonhos, nas fantasias, nas vitórias ou insucessos. Isso acontece porque as narrativas literárias apresentam diferentes possibilidades de enriquecimento intelectual, pessoal e social, sendo capazes de ampliar a visão de mundo, de estimular o pensamento crítico, de aprimorar o vocabulário, de auxiliar na leitura fluente e, sobretudo, de colaborar para a construção da identidade, desde a primeira infância.

Assim, quanto um professor conta uma história seja na educação infantil ou nos anos iniciais do ensino fundamental, não está desempenhando um trabalho qualquer, pelo contrário, está contribuindo para a formação de cada criança, porque a literatura forma o ser humano, uma vez que colabora para o enriquecimento da linguagem, incentiva o pensamento reflexivo e proporciona o conhecimento de diferentes culturas, o que faz



com que as visões de mundo se ampliem, a partir do contato com as mais variadas narrativas literárias.

É dentro dessas perspectivas, que este artigo tem como proposta analisar dois livros de literatura infantil que trazem crianças negras como personagens principais, na busca de identificar se as narrativas contidas nesses suportes são capazes de contribuir de maneira positiva para a construção da identidade étnico-racial, haja vista que se de um lado as histórias podem ser grandes aliadas na formação de crianças empoderadas e que se reconhecem como negras, de outro, podem reforçar padrões estéticos e até mesmo fomentar atitudes racistas em sala de aula.

Dessa maneira, nosso objetivo é refletir sobre a qualidade dos livros de literatura infantil que são levados para a sala de aula pelos professores, verificando se esses suportes literários colaboram para a construção da identidade da criança negra valorizando as diferenças ou se ainda reforçam uma cultura de segregação, discriminação e inferioridade, em que as personagens negras encontram-se quase sempre em condições subalternas.

Considerando que é na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental que a criança passa pela fase de construção de sua identidade e que os livros escolhidos pelos professores podem impactar de forma positiva ou negativa nesse processo, nosso intuito é demonstrar que é preciso ir além de A Bonequinha Preta de Alaíde Lisboa de Oliveira e de Menina bonita do laço de fita de Ana Maria Machado, pois se queremos histórias que favoreçam uma educação antirracista, são necessárias outras escolhas e outros livros que estejam pautados na igualdade e no respeito à diversidade étnico-racial.

## 2 A BONEQUINHA PRETA, É PRETA COMO “CARVÃO”

Difícilmente encontraremos um professor da educação básica que não conheça a história A Bonequinha Preta escrita por Alaíde Lisboa de Oliveira. O texto, publicado em 1938 representa um marco na Literatura Infantil, uma vez que foi um dos primeiros a trazer uma protagonista negra para os livros infantis.

Naquela época, a autora dizia estar cansada de ver bonecas loiras de olhos claros e, por isso, desejava criar uma boneca preta. Quando criança, teve como babá uma mulher negra de quem gostava muito e conforme declarou, o livro foi uma forma inconsciente de homenageá-la.



Em 1938, ano de publicação de A Bonequinha Preta, raramente se encontrava uma boneca preta, quer seja em livros de histórias, quer seja fisicamente em lojas. Sobre esse aspecto, no ano de 2020, isto é, mais de 80 anos após a criação da bonequinha por Alaíde Lisboa de Oliveira, a pesquisa “Cadê Nossa Boneca” (2020), realizada pela organização Avante – Educação e Mobilização Social, concluiu que a fabricação de bonecas negras no Brasil representa apenas 6% das fabricadas e 9% das vendidas no país (Costa, 2021). Um dado bastante preocupante, haja vista que desde a tenra idade, as crianças devem ser estimuladas a valorizar suas características raciais, e se não existem estímulos que propiciem a diversidade, isso dificulta o processo de construção da autoestima e da identidade negra, impactando no adulto futuro que, muitas vezes, não se reconhece como pessoa preta e precisa percorrer um longo caminho para a internalização de seus fenótipos raciais.

Com base nesses apontamentos, retomamos a discussão em torno do livro que apesar de representar um marco nessa questão, carrega um grave problema ao descrever em seu texto que a bonequinha é “preta como carvão” (Oliveira, 2004, p.5). Fato esse que se pode observar não somente no livro, mas também no site do Grupo Editora Lê, que ressalta o termo “carvão” como se esse fosse um “elogio”, sem considerar que além de inadequada, a palavra é pejorativa e racista, como se podemos verificar a seguir:

O livro de Alaíde Lisboa de Oliveira acentua a beleza da boneca, que é “preta como carvão” e tem os olhos bem redondos. A criança da história é branca e cuida de sua boneca preta como se fosse filha (Editora Lê, 2021).

A utilização do termo “carvão” em A Bonequinha preta, pode ser, portanto, categorizado, conforme Nascimento (2019) como racismo linguístico, visto que as representações e as concepções sobre o corpo negro foram retratadas no texto dentro de uma visão eurocêntrica, ou seja, que não contempla a diversidade étnica e que desvaloriza as características da pessoa negra.

Outro ponto a ser discutido, dentro da frase escrita pelo site do Grupo Editora Lê ao pontuar o termo carvão como um elogio, é afirmar que a boneca preta é cuidada pela criança branca como se fosse sua filha, dando a impressão de que uma pessoa branca cuidar de uma negra seja algo extraordinário, isto é, que está fora do comum e cuja intensidade vai além do razoável. Está aí mais um exemplo de que o livro reforça a ideia de que o padrão estético, cultural e social branco é superior ao negro, o que segundo Gomes (2003a, p. 177), “pode parecer uma simples opinião ou um mero julgamento

estético, revela a existência de uma tensão racial, fruto do racismo ambíguo e do ideal do branqueamento desenvolvidos no Brasil”.

Essas questões devem, portanto, ser consideradas com muita seriedade pelos professores antes de levar um livro de literatura para a sala de aula, sobretudo quando dizem respeito a textos que trabalham as relações étnico-raciais.

Em se tratando de A Bonequinha Preta, podemos dizer que o livro teve seu papel no passado e fez parte da vida de crianças de várias gerações. Em decorrência disso, muitos adultos que cresceram ouvindo a história contada por Alaíde Lisboa de Oliveira, poderão se indignar ao ler este artigo, que apesar de reconhecer que Bonequinha Preta tenha sido precursora ao inserir no enredo uma personagem negra, aponta que a história não dialoga com o perfil de literatura infantil afro-brasileira e africana que educadores comprometidos com uma educação antirracista devem levar para a sala de aula.

Até porque, antes de levar o livro para o ambiente escolar, é preciso pensar no sentimento de humilhação em que estarão expostas as crianças negras ao serem comparadas com “carvão”, bem como nos demais alunos do grupo, cuja palavra certamente não passará despercebida. Fato que poderá estimular, de um lado, a naturalização do termo, e de outro, proporcionar um terreno propício ao uso de apelidos e xingamentos como temos visto constantemente em nosso cotidiano quando, muitas vezes, corpos pretos são comparados a macacos. Nessa direção,

A escola, enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. E por isso mesmo ela também é um importante local onde estas podem ser superadas (Gomes, 2003b, p.77).

Daí a importância de o professor ler o livro de literatura infantil com atenção antes de leva-lo para a sala de aula, pois é fundamental verificar se a narrativa respeita a diversidade de corpos, bem como se as crianças negras estão sendo respeitadas em sua singularidade para que sejam capazes de identificar suas características físicas de maneira positiva e sem preconceitos.

Embora não posamos negar que a intenção da autora possa ter sido trazer a representatividade negra para a história de forma inovadora, uma vez que não era comum a presença de bonecas pretas, principalmente nos livros infantis, contraditoriamente, gerou um peso bastante negativo ao comparar a bonequinha à um carvão, haja vista que a coloca em um lugar de inferioridade, trazendo à tona as marcas da discriminação e da desumanização.

De fato, A Bonequinha Preta abriu caminhos para a presença de personagens negras na literatura infantil, no entanto, é indispensável pontuar que o texto datado de 1938, não colabora para a construção de uma educação antirracista, tendo em vista que a identidade da pessoa negra é retratada com pinceladas de inferioridade.

Portanto, trabalhar um livro como esse no século XXI significa ir na contramão da luta pela valorização da diversidade e pela igualdade racial.

### **3 MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA, É PRETA PORQUE “TOMOU CAFÉ”**

Após quase meio século da publicação do livro A Bonequinha Preta, vimos a chegada, no ano de 1986, de Menina bonita do laço de fita.

Escrito por Ana Maria Machado, podemos dizer que o livro avança em alguns aspectos a história contada por Alaíde Lisboa de Oliveira, uma vez que evidencia uma personagem negra que não é apenas uma boneca, mas sim uma criança.

A menina da história, como se pode observar no texto, é caracterizada como bonita e criativa, pois inventa muitas explicações para justificar sua pele negra. Assim, o livro traz como protagonistas uma menina negra e um coelho branco cujo desejo é se tornar preto como ela. Possivelmente, muitos podem considerar que a personagem principal da história seja a Menina bonita, no entanto, o coelho ganha grande destaque pelas peripécias que realiza ao longo da narrativa, o que cabe questionar a quem a autora realmente quis dar o título de protagonista.

Com relação ao coelho, recordemos que ele, no decorrer da história, pergunta incessantemente: “Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra se tão pretinha?” (Machado, 2011, p.8), haja vista que a considerava muito bonita e queria ser preto como ela.

Na busca de uma explicação para dar ao coelho, a menina inventava os motivos, tais como cair na tinta preta, tomar muito café e comer muita jabuticaba. O coelho, por admirar a beleza da menina, seguia todos os seus conselhos, como retrata o texto: “saiu dali e tomou tanto café que perdeu o sono e passou a noite inteira fazendo xixi. Mas não ficou nada preto” (Machado, 2011, p.11).



Sobre esse ponto, é preciso uma ampla reflexão, haja vista que ninguém se torna preto pelo fato de ter tomado muito café, comido jabuticaba ou caído na tinta preta. Conforme o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE de 2022 são as pessoas que se declaram pretas, pardas, brancas, indígenas ou amarelas. Portanto, quando se tem como propósito trabalhar de maneira afirmativa a identidade da criança negra em sala de aula, não cabe inventar explicações de como uma pessoa pode tornar-se negra, mesmo que de forma lúdica como acontece no texto, pois quando se fala de raça/cor, essa é uma característica nata de cada um.

Ainda a esse respeito, podemos constatar que dentro da literatura infantil, dificilmente iremos encontrar explicações, por exemplo, para justificar o porquê de uma pessoa ser branca. Fato que nos faz crer que é preciso descolonizar até mesmo práticas de escrita das histórias infantis, principalmente quando o texto busca reforçar

[...] padrões estéticos e culturas ocidentais e urbanas, apagando a diversidade de formas de ser e de constituição linguística, de formas de Estado, de processos culturais e políticos; quando despreza os conhecimentos locais, não ocidentais, as culturas produzidas pelos setores populares, as religiões que não se baseiam na visão cristã de mundo e a diversidade de heranças e memórias, ela atua de forma excludente e violenta. E ao fazer isso, organiza-se, reproduz e perpetua a colonialidade (Gomes, 2021, p.436).

Dentro desse contexto, Santos (2021) explica que Ana Maria Machado se encontrava longe das discussões raciais na época em que publicou o livro e que a inspiração para o escrever surgiu por ter uma filha que nasceu muito branca e pelo fato de brincar com ela a esse respeito. Assim, a autora percebeu que essas brincadeiras dariam uma história. No entanto, ela não queria uma narrativa com uma menina branca, pois já haviam várias, então resolveu criar uma personagem pretinha, que todos achassem linda e quisessem ser como ela. Por esse motivo, podemos afirmar que

torna-se evidente que a motivação inicial ao adaptar a história substituindo as características fenotípicas da personagem principal atende à visão de mundo da autora como uma mulher branca e oriunda da classe média (Santos, 2021, p.64).

Sem desprezar a intensão positiva de Ana Maria Machado em trazer uma personagem negra para o rol de suas histórias, bem como que o livro àquela época tenha contribuído para o trabalho com a diversidade étnico-racial, uma vez que eram raras as narrativas sobre o tema, é importante ressaltar que o texto fomenta o mito da democracia racial por meio da positividade da mestiçagem e suposta harmonia entre pretos e brancos. Essa conduta pode ser constatada, na parte do texto em que a mãe da Menina bonita tenta explicar ao coelho como “artes de uma avó preta que ela tinha” (Machado,

2011, p.15) o motivo da filha ser negra, na busca de justificar a tonalidade da pele da filha, como consequência da miscigenação.

Ao utilizar a palavra “arte” atribui-se à avó da Menina bonita a culpabilidade pela mestiçagem, ou seja, a responsabilidade pelo nascimento de crianças mestiças, que à época da escravização, era vista como um comportamento promíscuo realizado pelas mulheres pretas e não como forma de exploração do corpo negro por homens brancos.

Para além disso, o texto traz ainda, a descrição da mãe da Menina bonita como “uma mulata linda e risonha” (Machado, 2011, p.15). O termo ofensivo “mulata”, no período da publicação da obra, era naturalizado, sendo utilizado para designar pessoas descendentes de brancos e negros. No entanto, como se sabe, a palavra é derivada do espanhol e o seu significado é mula, isto é, um animal originário do cruzamento entre um cavalo e um jumento. Percebemos aí, mais um grave problema da narrativa, considerando que a palavra “mulata” não deve fazer parte do nosso vocabulário, sobretudo para designar personagens de livros infantis, cujo público são crianças que precisam construir sua autoimagem de maneira positiva e desprovida de preconceitos.

Outro ponto que nos chama atenção na história é o fato de a Menina bonita não possuir um nome, e ainda, de não saber o motivo de ser uma criança negra. A falta de identidade da menina e o desconhecimento por parte dela sobre a origem de sua cor, nos leva a afirmar que representação da pessoa negra na narrativa ao invés de contribuir para a construção afirmativa de sua identidade, reforça, contraditoriamente, a sua negação.

## **4 AS COMPARAÇÕES NEGATIVAS EXISTENTES NO ENREDO DE A BONEQUINHA PRETA E DE MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA**

Conforme já descrito neste artigo, se em A Bonequinha Preta temos a cor da personagem comparada a um carvão, em Menina bonita do laço de fita encontraremos comparações igualmente descabidas, uma vez que os olhos da protagonista são associados a duas azeitonas pretas, seus cabelos negros a fiapos da noite e sua pele ao pelo de uma “pantera negra quando pula na chuva” (Machado, 2011, p. 3).

No que tange essas comparações, podemos afirmar que todas são eminentemente desnecessárias e desconexas. Mesmo porque, o que justificaria comparar a cor negra com o carvão? Ou ainda, os olhos pretos com azeitonas? Os cabelos negros como fiapos da noite? A pele negra com o pelo de uma pantera molhada?



Embora saibamos que o nonsense, isto é, aquilo que não tem sentido possa divertir as crianças durante a leitura, é importante ressaltar que não é nada agradável para uma menina negra, por exemplo, ter suas características físicas atreladas ora a objetos, ora a alimentos ou até mesmo a pelo de animais.

Deste modo, acreditamos que o adequado seria não realizar comparações das características seja elas físicas, emocionais ou intelectuais das personagens dentro do texto literário. Sendo mais indicado descrever esses aspectos como eles realmente são, ou seja, dizer que a menina tem olhos grandes, a pele negra e o cabelo crespo ou encaracolado. Afinal, o objetivo das narrativas mencionadas deveria ser levar a criança a se identificar de forma positiva com as protagonistas e não a se sentirem menosprezadas por um vocabulário preconceituoso e racista.

Diante do contexto até aqui apresentado, cabe então nos questionar sobre o porquê dos livros A Bonequinha Preta e Menina bonita do laço de fita, publicados respectivamente em 1938 e em 1986, ainda serem utilizados por muitos professores como referência literária para o trabalho com as relações étnico-raciais nas escolas de educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental. A esse respeito, algumas hipóteses podem ser levantadas, tais como:

- o desconhecimento da legislação que introduziu uma proposta antirracista aos sistemas de ensino, buscando romper com a reprodução de estereótipos e preconceitos uma vez que após a promulgação da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 tornou-se obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as instituições escolares do país;
- a familiaridade com ambos os livros, pois quando se trabalha com a mesma história por um longo tempo, muitas vezes, falta iniciativa por parte do professor em buscar outras narrativas literárias que tratem do tema, de forma diferente da educação eurocêntrica com o qual já está habituado;
- a necessidade de cursos de aperfeiçoamento que possam trazer novos olhares para a literatura infantil e as relações étnico-raciais.

Nessa perspectiva, verifica-se que é urgente uma mudança de postura por parte do professor, bem como dos gestores da escola no que se refere a escolha do livro de literatura infantil, sobretudo quando envolve a temática étnico-racial dentro de uma sociedade marcada pela discriminação. Mesmo porque, a opção de trazer para a sala de aula uma narrativa com personagens negras, precisa passar pelo “processo de descolonização das mentes e das práticas como ação de combate ao racismo” (Gomes,



2021, p.436). Caso contrário, nossas crianças continuarão sendo representadas por “Bonequinhas pretas” e “Meninas bonitas”.

## 5 PARA ALÉM DE A BONEQUINHA PRETA E MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

Martins e Gomes (2010, p.150) afirmam que

de fato, sabemos o quanto nossa sociedade é preconceituosa e etnocêntrica, e o mundo da ficção não poderia deixar de pontuar isso, por mais que a literatura nos dê a liberdade de criar, sonhar, inverter e subverter ordens e ordenamentos. Os autores e autoras são sujeitos sociais, envolvidos em relações sociais nas quais vivenciam o seu cotidiano (Martins; Gomes, p.150, 2010).

Desde modo, se à época de A Bonequinha Preta (1938) e Menina bonita do laço de fita (1986) os escritores talvez não se preocupassem com os impactos negativos que um texto literário pudesse trazer para construção da autoestima da criança negra, no século XXI, muitos deles têm como prioridade escrever histórias que contribuam para uma representação positiva da infância negra, uma vez que a literatura é um espaço privilegiado para a constituição de identidades, pois a partir dela é possível nos colocarmos no lugar do outro, bem como nos reconhecermos ou não na narrativa.

Assim, ao se falar em representatividade negra nos livros infantis tem-se como princípio, romper com a opressão que ainda se faz presente nos textos literários por meio de um discurso racista que se manifesta não somente nas entrelinhas, mas também explicitamente no vocabulário ao se tentar justificar, por exemplo, o motivo de uma pessoa ser negra, como já descrito anteriormente. Atitude totalmente desnecessária, visto que a pessoa nasce negra, não sendo preciso nenhuma explicação ficcional para isso.

Sabemos que o racismo continuará ameaçando o pleno desenvolvimento das crianças negras nas escolas, cada vez que a da Lei nº 10.639/2003 deixar de ser trabalhada, cada vez que a formação contínua do docente deixar de ser priorizada, cada vez que uma história for contada sem levar em consideração os impactos que um vocabulário racista poderá acarretar para a construção de sua identidade.

Dentro desse contexto, o professor torna-se peça-chave, pois precisa ser um profissional em constante formação e com um olhar qualificado e capaz de escolher histórias que realmente contribuam na construção de uma representatividade positiva da

criança negra. Isso significa enxergar a literatura infantil como uma ferramenta fundamental para a formação do ser humano, buscando desenvolver um trabalho pedagógico comprometido com uma educação cidadã, emancipatória e antirracista. Mesmo porque,

a literatura pode ser considerada como um ato de resistência ao modelo de ensino que ignora as culturas africanas e afro-brasileiras, bem como auxilia para a desconstrução de práticas racistas e estereótipos criados socialmente, pois os livros podem ser escritos, ilustrados e lidos com a intenção de romper com tais barreiras que tem ignorado as Relações Étnico-Raciais na sociedade e na educação (Camilo, 2022, p.188).

Dessa maneira, a expectativa é que sejam levadas para a sala de aula narrativas literárias capazes de formar crianças empoderadas e que contribuam para que se reconheçam como negras. O que quer dizer escolher textos literários que respeitem a diversidade étnico-racial e fortaleçam a identidade negra e a valorização de sua história, fato que infelizmente não acontece quando, por exemplo, seu cabelo é comparado à “fiapos da noite” (Machado, 2011, p. 3), ou seja, a pedaços ou tiras estreitas de um pano qualquer, como se observa no texto de Menina bonita do laço de fita.

Portanto, para ir além dessas narrativas, faz-se urgente pensar na qualidade dos livros que chegam na sala de aula, optando por histórias que possam contribuir para desenvolvimento da autoestima elevada das crianças negras. Para isso, é preciso que as personagens negras sejam representadas na literatura infantil de maneira inspiradora, bem como valorizadas em sua humanidade e em sua singularidade.

Nesse contexto, é importante destacar que existem diversos catálogos disponibilizados por diferentes editoras, cujos livros voltados ao público infantil trabalham as relações étnico-raciais de forma responsável e adequada. Nessa perspectiva, as narrativas se preocupam com a formação positiva da identidade da criança negra fomentando assim, uma educação antirracista.

Dentro desse universo é possível citar, a história “Os tesouros de Monifa” escrita por Sonia Rosa em 2009. A narrativa trabalha a questão racial e a representatividade negra de forma inspiradora, uma vez que apresenta o encontro de uma menina brasileira, afrodescendente com o tesouro deixado por sua tataravó Monifa, que veio do continente africano para o Brasil em um navio negreiro. Monifa, mesmo tendo sido escravizada no Brasil, conseguiu aprender a ler e a escrever e deixou escritos valiosos para os seus descendentes: “[...] para os meus filhos e os filhos dos meus filhos” (Rosa, 2009, p.20). O texto revela a importância de resgatar memórias familiares e de preservar culturas e valores ancestrais, colocando a personagem negra como figura central, demonstrando que



Monifa foi capaz de enfrentar as desigualdades sociais, raciais e de gênero, a medida em que conseguiu ser alfabetizada em um tempo em que a mulher sequer tinha oportunidade para isso, sobretudo a mulher negra.

Outro exemplo de livro que traz uma lição valiosa de luta, dessa vez, contra o preconceito racial é “A descoberta do Adriel”. Publicada em 2020, é uma narrativa escrita por Mel Duarte, uma autora negra que apresenta para a literatura afro-brasileira um olhar forte e revolucionário. Baseada na história real de um garoto de 13 anos que ama a leitura, e que descobriu que a partir dos livros é possível superar qualquer obstáculo, o protagonista tem a ideia de criar um espaço na internet com o objetivo de incentivar as crianças a gostarem de ler. No entanto, o menino é surpreendido por comentários racistas, aos quais ele responde de forma firme e com educação: “racismo, aqui não!” (Duarte, 2020, p.12). O texto aborda de forma simples e reflexiva, temas complexos como o racismo e o cyberbullying, sem naturalizar a situação, uma vez que Adriel se posiciona de maneira decisiva e empoderada dizendo não para a discriminação.

Como se vê, nas duas histórias descritas acima, as personagens são empoderadas e assumem um lugar de destaque na narrativa. Existe ainda, a valorização de suas características físicas e intelectuais e em nenhum momento a cor da pele é questionada ou se justifica um motivo por se ter a pele negra. Pelo contrário, as características da beleza negra são colocadas em destaque de modo adequado e responsável.

Daí a necessidade de ir além de A Bonequinha Preta e de Menina bonita do laço de fita, trazendo para o ambiente escolar histórias que sejam capazes de ressignificar as marcas negativas da representatividade negra estabelecida no passado, em que práticas racistas eram naturalizadas, visto que absurdamente, entedia-se como “natural” comparar uma criança negra a um pedaço de carvão. Por isso, coadunamos com Gomes (2021, p.442) quando afirma que

as professoras e os professores que desejem sair do lugar do imobilismo frente à questão racial, desnaturalizando as desigualdades raciais, descolonizando as mentes, o conhecimento e os currículos, e construir-se como sujeitos que se indignam perante as práticas discriminatórias devem mover-se para sair da inércia racial. Deverão, portanto, partir para a ação concreta, construindo práticas pedagógicas, acadêmicas e epistemológicas emancipatórias e antirracistas. Trata-se de uma postura pessoal, profissional, política e epistemológica, que recusa toda e qualquer forma de racismo e discriminação, e que produz mudanças efetivas na vida dos sujeitos com o rompimento das hierarquias raciais (Gomes, 2021, p.442).

Diante disso, é possível afirmar que professores estarão desnaturalizado a discriminação racial, bem como realizando ações concretas em prol de uma educação



antirracista, todas as vezes em que optarem por levar para a sala de aula livros de literatura infantil que valorizem e respeitem a cultura, a cor da pele, as características físicas e a ancestralidade das crianças negras. Afinal, rompendo com estereótipos e preconceitos, estaremos reconstruindo positivamente nossas práticas pedagógicas e colaborando para a construção de uma identidade positiva da infância negra.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentamos neste artigo, a literatura infantil é, portanto, uma importante ferramenta no processo de construção da identidade de crianças negras, daí a necessidade de escolher as narrativas literárias que serão trabalhadas junto aos alunos, de maneira responsável e comprometida uma educação antirracista.

Isso significa deixar de lado livros como A Bonequinha Preta e Menina bonita do laço de fita que exaltam os padrões estéticos de beleza eurocêntricos e fazem uso de palavras preconceituosas em seus textos, dando lugar a narrativas que valorizem o corpo, o cabelo, a cor da pele, a história e a cultura africana e afro-brasileira como acontece, por exemplo, em “Os tesouros de Monifa” e “A descoberta do Adriel”.

Para isso, é necessário que tenhamos professores atravessados pelas questões raciais, isto é, dispostos a tratar semelhanças e diferenças com dignidade e conscientes de que “a superação do racismo na sociedade e na educação é tarefa para todos nós, negros e não negros” (Gomes, 2021, p.447).

Nesse contexto, é fundamental que a escola consiga assumir uma abordagem crítica sobre os livros de literatura infantil, desconstruindo um padrão social de beleza importado da Europa em que pessoas brancas, de cabelos lisos e olhos claros eram consideradas superiores.

Portanto, torna-se urgente ensinar para as crianças a importância do respeito às diferenças, à diversidade étnico-racial e à valorização do multiculturalismo, para que elas sejam capazes de compreender que o Brasil é constituído de diversas culturas o que nos torna uma nação multicultural e multirracial onde a beleza de todos precisa ser valorizada e respeitada, dispensando hierarquias.

Acreditamos assim, que a literatura infantil é uma ferramenta potente que deve a ser utilizada para que o respeito às diferenças, às identidades e aos conhecimentos sobre a cultura africana e afro-brasileira, seja parte do cotidiano de nossas escolas.



Conclui-se então, que propor narrativas para além da visão eurocêntrica de literatura infantil torna-se fundamental, uma vez que a escola e os professores precisam deixar de ser meros expectadores do racismo. Até porque, agregar a diversidade étnica, valorizando as características das pessoas negras de modo que elas estejam também representadas nas histórias de maneira recorrente e positiva, é o caminho para realizar uma mediação comprometida com uma educação democrática, emancipatória e antirracista.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Presidência da República. **Lei 10.639** de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm) Acesso em: 05 jul. 2024.

CAMILO, Melissa Lapa. **Literatura infantil e relações étnico-raciais: quais possibilidades para o trabalho junto às crianças?** 2022. 208 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2022.

COSTA, Marina. Bonecas negras são apenas 6% das fabricadas e 9% das vendidas no país. **Metrópoles**. Brasília (DF), 17 maio 2021. Disponível em <https://www.metropoles.com/brasil/bonecas-negras-sao-apenas-6-das-fabricadas-e-9-das-vendidas-no-pais> Acesso em 20 set. 2024.

DUARTE, Mel. **A descoberta do Adriel**. São Paulo: Fundação Itaú Social, 2020. 15 p. **EDITORA LÊ**. A Bonequinha Preta: veja a influência desse livro na literatura. Belo Horizonte, 22 mar.2021. Disponível em <https://le.com.br/blog/a-bonequinha-preta-influencia/>Acesso em 20 jun. 2024.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 29, n. 01, p. 167-182, jun. 2003a. Disponível em [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022003000100012&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000100012&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 16 ago. 2024.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 62-74, ago. 2003b. Disponível em [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782003000200006&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 07 nov. 2024.



GOMES, N. L. O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas. **Revista de Filosofia Aurora**, [S. l.], v. 33, n. 59, 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/27991>. Acesso em: 06 nov. 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. População por Grupo de Idade, Sexo e Raça. **Censo 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html> Acesso em 15 out. 2024.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. São Paulo: Ática, 2011. 24p.  
MARTINS, A. A.; GOMES, N. L. Literatura infantil/juvenil e diversidade: a produção literária atual. In: PAIVA, A.; MACIEL, F.; COSSON, R. (Coords.). **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 204 p.: il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20), p. 143-170.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019. 124 p.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **A Bonequinha Preta**. Belo Horizonte: Lê, 2004.  
ROSA, Sonia. **Os tesouros de Monifa**. São Paulo: Brinque-Book, 2009. 32 p.

SANTOS, Ester Mascarenhas dos. **O processo de construção de identidade de meninas negras: um olhar sobre o livro infantil “Menina Bonita do Laço de Fita” de Ana Maria Machado**. 2021. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2021.

